

Ao lançarmos um olhar científico sobre as coleções egípcias formadas pela Viscondessa de Cavalcanti e por Eva Klabin Rapaport temos, inicialmente, um reflexo da fase antiquarista da arqueologia do século XIX. Nessa época os sítios arqueológicos do Egito estavam sendo explorados sem métodos científicos, pois a arqueologia ainda estava por se consolidar como disciplina. Era um tempo em que famosos exploradores e viajantes europeus adquiriam itens considerados belos, exóticos e admiráveis com o objetivo de constituir coleções nacionais, notadamente em museus europeus, bem como particulares, para o deleite de seus proprietários.

Muitos artefatos que saíram do Egito nesse período formaram célebres coleções como as do Museu Britânico, do Museu do Louvre e do Museu de Turim, enquanto outros acabaram sendo comercializados em solo europeu, ingressando em um mercado de arte que impulsionou o surgimento de acervos no mundo todo. Essa é a origem de ambas as coleções desta mostra, tal como atestam os papéis da compra das peças pela Viscondessa de Cavalcanti, ocorridas na Alemanha no século XIX, e de Eva Klabin Rapaport, que as adquiriu já no século XX, provavelmente fundamentada em coleções mais antigas formadas no século XIX.

Embora sejam desprovidas de contexto arqueológico, visto que o local de origem não pode ser atestado na maior parte dos casos, essas coleções são igualmente importantes, pois são testemunho material do passado egípcio. Ao estudá-las podemos tratar de diferentes aspectos sobre os artefatos, que incluem a escolha das matérias-primas para sua confecção, as técnicas de produção, o valor material e simbólico, o seu uso e sua circulação na sociedade e, principalmente, os aspectos mágico-religiosos.

Ao serem reunidas aqui, pela primeira vez, ambas as coleções se complementam e tornam o entendimento das ideias dos egípcios sobre a preparação para a vida *post mortem* bastante claro. O antigo povo das terras do Vale do Nilo acreditava que para garantir a existência futura no paraíso agrário de Osíris, ou nas outras versões míticas da vida eterna, eram necessárias a construção de uma tumba, chamada por eles de “casa da eternidade”, a preparação e preservação do corpo por meio da mumificação, a reunião de um enxoval funerário, a realização de cerimônias no dia do enterro e a manutenção do culto, com a deposição de oferendas na capela da tumba, diariamente, pela família do morto.

Outrossim, ao longo de três milênios tais crenças sobre o outro mundo passaram por uma série de alterações. Esse fato ocasionou mudanças na arquitetura funerária, bem como nos métodos de embalsamamento, que se tornaram mais complexos, além dos

itens necessários para a vida no além, que passaram por alterações significativas, — desde artefatos cotidianos até peças feitas especialmente para a tumba. Quanto às cerimônias no dia do enterro também houve modificações, da mesma forma que o culto funerário na capela da tumba, cuja manutenção dificilmente ultrapassava duas ou três gerações.

Ao observarmos os procedimentos feitos pelos egípcios para assegurar a imortalidade, materializados nos artefatos de ambas as coleções, temos claramente a visão de uma sociedade que não poupava esforços para atingir seus objetivos. Essa sociedade, contudo, não representava todos os egípcios, mas apenas uma parcela, visto que somente aqueles que dispunham de recursos poderiam investir intensivamente nessas tarefas.

A compreensão das alterações sobre a preparação para a vida eterna, percebidas por meio dos excelentes exemplares em exposição, proporcionará aos visitantes da mostra uma visão ampla sobre a religião funerária dos egípcios antigos. Religião essa que compreende, de forma geral, um vasto campo que inclui as crenças e práticas que tratam de diversos aspectos relacionados à esfera da morte e aos mortos. Conhecer e apreciar esses acervos juntos pela primeira vez, em um perfeito diálogo, é também uma forma de valorizar a herança do Egito Antigo em solo brasileiro.

Moacir Elias Santos  
Arqueólogo